

Propagação e produção de flores e plantas ornamentais em Portugal: situação e estratégias para a competitividade

J. Miguel Costa^{1,2}, P. Vilanova³, R. Silvestre³, M.E. Ferreira⁴

¹LEAF- ISA, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal

²LEM-ITQB, UNL, Apartado 127, 2780-901 Oeiras, Portugal

e-mail: miguelc@itqb.unl.pt

³APPPFN, CNEMA, Loja 1, 2000-471 Santarém, Portugal

⁴INIAV, I.P., Av. da República, Quinta do Marquês, 2780-157 Oeiras, Portugal

Resumo

Em Portugal existem cerca de 1 010 explorações com culturas ornamentais, que ocupam 1 365 ha, dos quais 564 ha com flor de corte, 185 ha com folhagem de corte e complementos de flor e 617 ha com plantas ornamentais (INE, 2013). A prótea (flor), o feto (folhagem) e a fúcsia (planta de vaso) são as espécies mais comercializadas. Cerca de 50-60% da produção é feita em estufa, concentrando-se a maior parte da produção de flor de corte e plantas envasadas na região do Montijo.

O melhoramento e a propagação são fases muito importantes da cadeia de produção ornamental mas ainda com expressão económica limitada em Portugal. Isto porque a maioria do material de propagação (estacas enraizadas, enxertos, sementes e outros propágulos de espécies ornamentais) é importada, principalmente da Holanda e Espanha, resultando num custo elevado para os produtores (~50% dos custos intermédios no sector ornamental), e que pode condicionar a produção por unidade de área e a qualidade do produto final nacional.

Ao mesmo tempo, a atividade viveirista e a produção ornamental nacionais precisam de responder à concorrência externa, bem como às crescentes exigências em termos de qualidade e de sustentabilidade ambiental. Estes sectores precisam, por isso, de melhor caracterização estatística, mais organização e profissionalismo e um maior investimento em formação e inovação (melhores estruturas, novos métodos de propagação e uso de novas cultivares ou espécies alternativas) e promover a diferenciação do produto português (ex. marcas próprias, certificação). A escassez de certos recursos (ex. água, substratos orgânicos), a maior sensibilidade de consumidores, distribuidores e legisladores às questões ambientais (poluição da água, reciclagem de resíduos) impõem ao sector regras cada vez mais apertadas. A evolução do parque de estufas, a otimização das estratégias de gestão das explorações e a necessidade de certificação de qualidade (produto, ambiente) e políticas mais favoráveis ao sector serão discutidos como soluções para responder às futuras exigências do mercado interno e externo.

Palavras-chave: viveiros, flor de corte, planta envasada, ambiente e qualidade.

INTRODUÇÃO

A atividade viveirista e o melhoramento são dois dos sectores mais importantes a montante da produção, pois determinam a qualidade do material de plantação e, conseqüentemente a futura rentabilidade da produção ornamental (flor de corte, planta ornamental envasada ou de jardim). Além disso, o material de propagação representa

uma percentagem elevada na estrutura de custos da produção ornamental, estimando-se em cerca de 50% dos gastos totais com os consumos intermédios no sector ornamental (GPPAA, 2007; Dias, 2009).

O uso de novas cultivares mais resistentes a pragas e doenças, com cores e formas diferentes, assim como de material de viveiro de boa qualidade (variedade/cultivar certificada, sanidade garantida, bem enraizado, endurecido) são condições essenciais para o sucesso da produção ornamental, pois minimizam as perdas pós-plantação e as replantações e limitam a heterogeneidade excessiva, garantindo melhor crescimento e maiores produções por unidade de área, tal como é referido para algumas culturas de estufa, como a roseira (Costa, 2002).

O melhoramento de espécies ornamentais é ainda uma atividade muito pouco expressiva em Portugal, o que se deve à falta de tradição na atividade e ao domínio “já histórico” de empresas melhoradoras estrangeiras (holandesas, francesas, alemãs, etc.) e/ou fornecedoras de propágulos (estacas enraizadas/enxertadas, bolbos), ou de sementes. O melhoramento de espécies como a gerbera para flor de corte (Yarkoni, 2008), ou de espécies para jardim como a camélia (Guedes, 2013), ou a seleção de espécies autóctones como ornamentais de jardim são algumas das exceções. De referir também a participação de grupos portugueses em programas de melhoramento europeus, como é o caso do cipreste (*Cupressus sempervirens*) (CYPMED, 2004).

A atividade viveirista nacional é economicamente mais relevante que o melhoramento e teve um crescimento expressivo nas duas últimas décadas que se caracterizou pelo aparecimento de várias empresas de capital português e estrangeiro de relativa dimensão e especializadas na propagação de ornamentais e/ou florestais em grande escala, com recurso a tecnologias modernas e com perfil exportador.

O SECTOR ORNAMENTAL NA EUROPA E EM PORTUGAL

A União Europeia (UE) é o maior produtor de flores, bolbos e plantas envasadas a nível mundial, representando 44% da produção global em valor (EU, 2013). O sector da produção ornamental na UE emprega cerca de 650 000 pessoas e tem um volume de negócios que ronda os quase 90 biliões de euros (EU, 2013). A UE é também um dos líderes mundiais na produção de matérias de viveiro e de plantas ornamentais de exterior, destacando-se países como Itália, Alemanha, França, Inglaterra, Espanha e, mais recentemente, a Polónia (Marosz, 2013).

Em 2012, as culturas ornamentais em Portugal ocupavam uma área base de 1 365 ha, dos quais 564 ha com flores de corte, 185 ha com folhagens de corte e complementos de flor e 617 ha com plantas ornamentais (INE, 2013). Entre 2002 e 2012, todos os tipos de produção florícola/ornamental tiveram um incremento de área, embora este fosse mais significativo nas plantas ornamentais (cerca de 240 ha) (INE, 2013). Em 2012, existiam em Portugal 1 010 explorações, com uma área média de 1,4 ha, o que representa um aumento de 85% face a 2002. Também a dimensão média da área de estufas por exploração aumentou significativamente, passando de 0,4 ha para 0,7 ha (INE, 2013). Relevante é ainda o facto de a superfície de estufas com floricultura ocupar 456 ha em 2012, dos quais 157 ha localizados na NUTS II de Lisboa. A produção ao ar livre, por sua vez, registou um incremento de 294 ha face a 2002. Segundo dados do INE (2013), a prótea (*Protea* spp.) é a flor de corte mais representativa em Portugal, ocupando 20% da superfície produtiva, sendo o feto (*Pterium* spp.) a principal folhagem de corte. A *Fuchsia* spp. (brincos-de-princesa) é a planta ornamental em vaso mais comercializada (INE, 2013). Acrescenta-se a isto outras espécies ornamentais de vaso (“planta de época”) com crescimento e floração típicas da primavera-verão ou de outono-inverno (APPPFN, 2013). As mais relevantes,

com crescimento e floração na primavera-verão são: *Pelargonium* spp., *Petunia* spp., *Impatiens* spp., *Tagetes* spp., *Salvia* spp., *Dianthus* spp. e *Begonia* spp.. As espécies para outono-inverno são: *Viola* spp. e *Primula* spp..

Uma característica da produção ornamental em Portugal (flor de corte e planta ornamental) é o facto de os produtores não se especializarem numa só espécie. Por isso é quase geral, os floricultores produzirem várias espécies e os produtores de plantas ornamentais produzirem um “mix” de espécies que podem incluir aromáticas em vaso, herbáceas vivazes e plantas em vaso, como *Gerbera* spp., *Cyclamen* spp., *Poinsettia* spp., *Chrysanthemum* spp. e *Rosa* spp.). (APFFN, 2013).

VIVEIROS E MATERIAL DE PLANTAÇÃO EM PORTUGAL

Em Portugal, a região centro e norte do país teve desde longa data uma grande atividade viveirista de ornamentais. Alguns exemplos do fim do séc. XIX e início do século XX são a Companhia Hortícola Agrícola Portuense (fundada por volta de 1845), os viveiristas Jacinto de Matos (início em 1870), Moreira da Silva (fundada em 1895) e Mário Mota (fundada em 1911). Todos concentrados no grande Porto, seriam responsáveis por grande parte dos jardins e parques construídos no Norte de Portugal, entre 1875 e 1925 (Araújo, 1979), assim como pelo fornecimento de plantas para todo o país e mesmo para Espanha. Perto de Lisboa, a zona de Caneças, devido à abundância de água e solos férteis, concentrou também grande número de viveiristas no início do século XX (Botelho, 2003). Surgiram posteriormente ao longo das décadas de 30 a 70 do século passado, outros viveiros no Minho, em Trás-os-Montes e na região Centro, que propagavam espécies ornamentais, frutícolas e hortícolas. A região de Coimbra, por exemplo, assumiu particular relevância na propagação de ornamentais e, principalmente de fruteiras (ex. pomóideas, prunóideas, citrinos) sendo a região mais importante na propagação de fruteiras (cerca de 80% da produção nacional) (AgroPortal, 2007). No Algarve, a atividade viveirista ornamental começou a ganhar expressão a partir dos anos 70 do século passado, por intermédio de vários investidores estrangeiros, que assumiram papel essencial nas exportações portuguesas de plantas ornamentais (ex. espécies mediterrânicas, citrinos ornamentais) (Costa e Cermeño, 2009). A vantagem destes viveiristas relativamente aos seus congéneres portugueses é o seu *know-how* e a sua rede comercial transnacional que permite colocar mais facilmente os seus produtos no mercado externo do Norte da Europa.

Presentemente, o material de plantação para produção ornamental (em estufa) é praticamente todo importado (ex. da Holanda, Espanha, França, Alemanha e Itália). Pode também ocorrer a importação de material de espécies ornamentais de exterior para crescimento (“engorda”). Estes viveiristas (holandeses, alemães, franceses, etc.) pertencem ou colaboram com empresas de melhoramento produzindo material certificado. Exemplo disso são as inúmeras empresas melhoradoras holandesas de roseiras (flor de corte e jardim), crisântemo (flor de corte e de vaso), cravos, gerbera e antúrios.

A falta de especialização do sector viveirista está relacionada com as características da produção ornamental portuguesa onde, como já referido, impera igualmente a falta de especialização como estratégia para garantir as vendas ao longo do ano. Por isso, é comum encontramos viveiros florestais a produzir ornamentais, viveiros de ornamentais a produzir hortícolas e vice-versa, tudo numa lógica de aumentar as vendas e focada no cliente revendedor que compra um leque alargado de produtos, evitando assim estar dependente de um só sector e/ou produto.

No entanto, deve-se referir que o profissionalismo no sector da propagação de ornamentais aumentou igualmente, havendo já em Portugal várias empresas a

dedicarem-se exclusivamente à propagação e venda de material de plantação, deixando a “engorda” para outros intervenientes (APPPFN, 2013).

FUTURO DO SECTOR EM PORTUGAL: MAIS EFICIÊNCIA, QUALIDADE E SUSTENTABILIDADE

A propagação moderna e a produção de flor de corte e mesmo de planta em vaso, requerem um cada vez mais elevado controlo ambiental (substrato e atmosfera) assim como uma eficiente monitorização e controlo de pragas e doenças. A isto de junta a necessidade de uma boa planificação da produção e de logística interna e externa das empresas. A tecnologia e as estruturas de apoio à propagação e produção de flor de corte/folhagem e plantas ornamentais (estufas, coberturas, controlo ambiental, sistemas de cultivo em substrato) têm vindo a evoluir rapidamente em Portugal, o que contribui para taxas mais elevadas de sucesso na propagação e maior produção e qualidade, assim como maior eficiência no uso de vários fatores de produção (energia, água, fertilizantes, substratos e fitofármacos). De facto, a gestão correta de recursos resulta, por último, em maior sustentabilidade ambiental do sector e deve ser uma prioridade a considerar na horticultura intensiva portuguesa moderna (Costa et al., 2013). Podemos assim encontrar em Portugal em muitos viveiros e produtores de flor, estufas de plástico e de vidro equipadas com sistemas mais ou automatizados de controlo climático, rega e fertirrega, e pulverização de biocidas, assim como cultivos em substrato e bancadas de enraizamento com aquecimento basal.

A produção florícola e de planta ornamental, assim como o sector dos viveiros, confrontam-se com a crescente escassez de recursos naturais (ex. água, substratos orgânicos, combustíveis fósseis) que obriga a inovar e adotar estratégias para mitigar tais limitações e o impacto ambiental. Além disso, a sensibilidade crescente de consumidores e distribuidores e as crescentes restrições legislativas em termos ambientais (ex. Diretivas Comunitárias para a Água, Nitratos, Substratos) impõem aos viveiristas e produtores de plantas ornamentais regras cada vez mais apertadas no uso de recursos (água, substratos), produção de resíduos e uso de substâncias ativas (EGTOP, 2013).

Em zonas secas como as da Região Mediterrânica, onde a atividade viveirista e a produção ornamental assumem papel relevante (Costa e Cermeño, 2009; Pardossi et al., 2009), a minimização da pegada hídrica é uma necessidade que obriga a uma gestão mais precisa e eficiente da água de rega e a uma maior proteção das massas de água superficiais e subterrâneas (Pardossi et al., 2004; Costa et al., 2007). O uso mais eficiente de água e fertilizantes em viveiros tem vindo a ser assim estudado em países europeus e conta, frequentemente, com o apoio não só do sector privado, mas também dos governos regionais (Pardossi et al. 2004; 2009; Pronk, 2004; EGTOP 2013).

O futuro da produção nacional de flor de corte, da planta envasada e da atividade viveirista passa também pelo aumento da certificação de qualidade segundo a “legislação europeia”, o que permitirá as trocas com o exterior (Canhoto et al., 2013; Ferreti, 2013). A competitividade do sector português de viveiros e a produção ornamental passa por uma aposta em formação profissional, e mais investimento (público e privado) em investigação aplicada (ex. seleção e obtenção de novas cultivares, mais resistentes ao stress, seleção e testagem de espécies autóctones, ou o uso de novas tecnologias de propagação). A inovação no sector ornamental passa também por alterações na política económica (ex. baixa dos preços de energia), menos burocracia, e maior envolvimento das autarquias (apoio na formação, em estudos de cariz mais prático e aplicado sobre os sectores, etc.). Por fim, é também necessário um melhor conhecimento das características dos nossos competidores mais diretos e dos

mercados de destino dos nossos produtos, especialmente quando as estatísticas atualizadas e mais específicas para o sector continuam a faltar.

Referências

- AgroPortal (2007). Fruticultura: Mais de três milhões de árvores para plantação produzidas anualmente no distrito de Coimbra. (<http://www.agroportal.pt/x/agronoticias/2007/10/24g.htm>).
- APPPFN (2013). Uma associação para a produção de plantas ornamentais e flor de corte em Portugal – A APPP-FN. Revista da APH, 110, 56-59.
- Araújo, I.A. (1979). Jardins, Parques e Quintas no aro do Porto, Comunicação ao colóquio ‘O Porto na época moderna’. Revista de História, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. II, pp. (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6347.pdf>).
- Botelho, A. (2003). Caneças, do Verde ao Betão, Caneças, Junta de Freguesia de Caneças, Junho de 2003.
- Canhoto, J., Guilherme, R., Palha, M.G., Vaz, A.S., Costa, M., Moreira, J., Silvestre, R. (2013). II Colóquio Nacional de Sementes e Viveiros. Revista da APH, 113, 20-21.
- Costa, J.M. (2002). The role of the leaf in growth dynamics and rooting of leafy stem cuttings of rose. Wageningen University, Wageningen, The Netherlands, 187p.
- Costa, J.M., Cermeño, P. (2009). Iberian Ornamentals Industry: Diversified and Innovative. *Chronica Horticulturae*, 49 (4), 33-36.
- Costa, J.M., Ortuño, M.F., Chaves, M.M. (2007). Deficit irrigation as a strategy to save water: physiology and potential application to horticulture. *Journal of Integrative Plant Biology*, 49, 1421-1434.
- Costa, J.M., Reis, M., Passarinho, J.A., Palha, M.G., Carvalho, S.M.P., Ferreira, M.E. (2013). Sustentabilidade sócio-ambiental da horticultura protegida em Portugal. VII Congresso Ibérico de AgroEngenharia e de Ciências Hortícolas, Madrid, Espanha (no prelo).
- CYPMED (2004). Contributo del Cipresso alla Valorizzazione Economica ed Ambientale del Territorio. INTERREG III B Med.Occ. (<http://www.arsia.toscana.it/filfor/cypmed-arsia/download/Contributo%20del%20Cipresso.pdf>).
- Dias, A.F. (2009). A importância económica das sementes e propágulos. *Actas Portuguesas de Horticultura*, 15, 55-63.
- EGTOP (2013). Final Report on Greenhouse Production (Protected Cropping). Expert Group for Technical Advice on Organic Production. EU. (http://ec.europa.eu/agriculture/organic/eu-policy/expert-advice/documents/final-reports/final_report_egtop_on_greenhouse_production_en.pdf).
- EU (2013). Working Document, Advisory Group, Flowers and Ornamental Plants (http://ec.europa.eu/agriculture/fruit-and-vegetables/product-reports/flowers/statistics-2013_en.pdf).
- Ferreti, R. (2013). Ornamental plant production in Europe: what role should be played in the global match? (<http://www.aboutplants.eu/portal/cms/ENG/content-cultivation/240-ornamental-plant-production-in-europe-what-role-should-be-played-in-the-global-match.html>).
- GPPAA (2007). Frutas Hortícolas e Flores – Diagnóstico Sectorial. MADRP, 94p.
- Guedes, J. (2013). Camélias em Portugal, uma história por contar. Revista da APH, 110, 52-55.
- INE (2013). Floricultura e Plantas Ornamentais – 2012. Instituto Nacional de Estatística. 64p.

- Marosz, A. (2013). Changes in ornamental nursery production following Polish integration with the European Union. *Annals of Warsaw University of Life Sciences. Horticulture and Landscap Architecture*, n. 34, 51-60.
- Pardossi, A., Incrocci, L., Marzialetti, P. (2004). Uso razionale delle risorse nel florovivaismo: l'acqua. Agenzia Regionale per lo Sviluppo e l'Innovazione nel settore Agricolo-forestale, Firenze. 291p.
- Pardossi, A, Incrocci, L., Marzialetti, P., Incrocci, L., Incrocci, G. Tognoni, F. (2009). What Limits and How to Improve Water Use Efficiency in Outdoor Container Cultivation of Ornamental Nursery Stocks. *Acta Horticulturae*. 843, 73-80.
- Pronk, A.A. (2004). Irrigation and nitrogen use efficiency of *Thuja occidentalis* grown on sandy soils. WUR Wageningen UR. The Netherlands 130 p.
- Yarkoni, D.L. (2008). O mundo das gerberas. Melhoramneto e criação de novas variedades (entrevista). *Revista da APH*, 92, 9-12.